

## O PROBLEMA DAS OUTRAS MENTES E AS CONSEQUÊNCIAS DE UM SOLIPSISMO E UM CETICISMO

BRUNA OLIVEIRA FERRAZ

Graduanda em Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
E-mail: bruna\_folkrock@hotmail.com

**RESUMO:** O presente artigo pretende apresentar o problema acerca do conhecimento das outras mentes, estudado no campo da Filosofia da Mente, a partir dos argumentos do filósofo Thomas Nagel. As perguntas centrais desse problema recaem sobre a capacidade de se conhecer, ou não, o conteúdo mental de outro ser e se existem outras mentes. Foram analisadas as consequências dessa questão às outras consciências, como a visão solipsista, e o ceticismo quanto à existência de outras mentes.

**Palavras-chave:** Outras mentes. Thomas Nagel. Solipsismo. Caráter subjetivo das experiências.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo presentar el problema sobre el conocimiento de otras mentes, estudiado en el campo de la filosofía de la mente, de los argumentos del filósofo Thomas Nagel. Las preguntas centrales de este problema recae en la capacidad de saber, o no, lo contenido mental de otra ser y si hay otras mentes. Analizando las consecuencias de este problema a otras conciencias como visión solipsista, y el escepticismo sobre la existencia de otras mentes.

**Palabras clave:** Otras mentes. Thomas Nagel. Solipsismo. Carácter subjetivo de la experiencia.

### 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste artigo originou-se com a intenção de uma iniciação à investigação acerca dos problemas do campo da Filosofia da Mente. Este trabalho se designa a apresentar o problema de outras mentes, um dos problemas iniciais da Filosofia da Mente, utilizando os argumentos do filósofo

Thomas Nagel. A primeira parte se inicia a problematização quanto ao conhecimento das outras mentes. Como podemos saber o que outra pessoa está pensando? Seus comportamentos externos nos possibilitam supor uma interiorização e, ao mesmo tempo, essa análise dos comportamentos físicos parece ser incongruente, já que não podemos reduzir a mente a uma relação dependente ou coerente com as ações externas. Esse primeiro tópico inicia as discussões acerca das consequências desse argumento. Acreditar na incapacidade de uma comunicação humana, até mesmo descrever que o outro possa ter consciência, carrega-nos ao ceticismo.

O segundo tópico do artigo, ‘Solipsismo’, aborda a consequência de se duvidar quanto à existência de outras mentes. Ao insistir nessa incerteza de uma compreensão real, quanto às experiências internas de um sujeito, começa-se a questionar qualquer existência mental a não ser a própria, criando assim uma crença solipsista da qual infere-se que “apenas minha mente existe”. Utilizando as ideias sobre solipsismo de Eric Matthews, professor de filosofia da Universidade de Aberdeen, esse tópico ilustra o solipsismo como uma ideia perigosa de um isolamento, mostrando também não ser este um argumento forte, que, portanto, não deve ser considerado seriamente.

O terceiro e último tópico esboça o exemplo filosófico de Thomas Nagel, em “Como é ser um morcego”, que ilustra a impossibilidade de se conhecer as características subjetivas das experiências de um ser consciente. Contudo, essa impossibilidade de tentar saber como é *ser* outro ser, nos permite perceber que existe uma forma de *ser*, a partir dessas experiências que delineiam um organismo. Esse tópico nos aparece como um argumento que vai contra um ceticismo radical.

## 2. OUTRAS MENTES

Ao encontrar-me com um velho amigo, ele me conta sobre o falecimento de seu querido avô, narra histórias importantes que viveu ao seu lado e depois diz que sentirá muito sua falta. Ele começa a chorar e, preocupado com seu bem-estar

emocional, tento confortá-lo, mas logo depois ele muda de assunto e se despede. Em tal situação, sempre imaginamos como o outro deve se sentir, quais são suas emoções, o que deve se passar em sua mente. Acreditamos que este irá lembrar-se dos momentos que passara com o avô, pela forma com que ele fala, o quanto o estimava, e iremos supor sua dor quando o choro surge. Sensibilizamos-nos pelo outro, imaginando sua dor, comparando-a com alguma semelhante a qual já experienciamos.

Para compreender o outro, e assim poder criar uma comunicação, nos baseamos nessas demonstrações de gestos, um balançar de cabeça, a expressão facial com um sorriso ou os olhos espantados, a agitação de mãos ou braços, entre outros milhares de códigos gestuais. Isso parece uma tarefa quase impossível, pois cada indivíduo é diferente em interesses, humor e ideias acerca de uma mesma situação, já que cada um tem uma compreensão de mundo.

Antes mesmo de pressupor que tipos de pensamentos e sentimentos tem um ser que observamos, primeiramente acreditamos na existência de uma capacidade mental que esse outro possui. Essa crença sobre a existência mental dos que nos cercam é habitual, por ser algo instintivo creditar sentimentos alheios. O Princípio de Caridade, teoria de interpretação desenvolvida pelo filósofo Donald Davidson (2003), defende a seguinte ideia: quando interpretamos a linguagem de um falante, pressupomos uma racionalidade e, ao tentarmos entender as elocuições, atribuímos um princípio de caridade. Ao atribuirmos significados às falas, intenções a ações e estados mentais a crenças criamos, o pressuposto onde os humanos são em sua maioria racionais e coerentes no que expressam na fala e na ação.

O que me faz acreditar que esse colega tem uma mente? Em quais motivos nos baseamos para dizer “ele sente”, “ele pensa”? Thomas Nagel, filósofo da mente, diz que essa crença a qual damos vida espiritual às outras pessoas nos vem por meio da observação, assim como as demonstrações comportamentais das quais estamos acostumados a notar as pessoas agirem quando se dizem tristes, alegres ou ansiosas. O fato de associar estes comportamentos físicos a uma movimentação interior nos permite acreditar que o outro seja igual, que possua uma mente. Também poderíamos abrir os corpos de outros seres vivos e observar suas

anatomias comparando-as com a nossa ou fazendo um escaneamento das atividades cerebrais (NAGEL, 2011, p.20). Porém - no livro “Uma Breve Introdução à Filosofia” - Nagel afirma que “A única experiência que você pode ter, na verdade, é a sua própria” (NAGEL, 2011, p.20). Nenhuma das observações nos permitiria saber sobre o interior mental de alguém, pois toda observação não passaria de minha (ou sua) própria experiência, ao analisar a experiência do outro, porque “eu” estou presa a minha mente e não tenho acesso a outras mentes para conhecer suas impressões nem mesmo para obter a certeza de sua existência.

Em tal caso, ao analisarmos esse colega quando nos conta triste que o avô faleceu, a forma como age nos indica um sentimento, por exemplo, o choro é uma ação física que correlacionamos com a tristeza que sente. Segundo Nagel (2011), para um dualista não há conexão causal clara entre a atitude física, o choro, e a atitude mental, o entristecer-se. O dualista nos diria que podemos estar equivocados na nossa inferência. Se comportamentos são coisas diferentes de pensamentos ou sentimentos, uma observação que tenta relacionar essas duas ações estaria sempre sujeita a equívocos. Porém, no cotidiano prático, inferimos que o comportamento externo condiz com um comportamento interno. Essa inferência tem uma falsa coerência, ela é um argumento circular, pois se quero conhecer sobre uma mente, é contraditório argumentar que há uma atividade mental com base em reações físicas.

Ao tomar um sorvete de chocolate com um amigo, como é possível saber que você e ele experimentam o mesmo sabor? O amigo dirá que é sabor de chocolate, pois sabe o que o doce é nomeado ‘soverte de chocolate’ e você pode experimentar o sorvete dele e comprovar que é chocolate. Entretanto esta será a sensação que você teve e não de fato estará provando o mesmo sabor que o seu amigo sente ao tomar o mesmo soverte (NAGEL, 2011, p.20).

Outro exemplo interessante de experiências dado por Nagel é em relação à percepção das cores: como tenho a certeza de que o mesmo vermelho que meu amigo vê no carro de bombeiros é o mesmo vermelho que eu percebo e não um tom de amarelo que eu enxergo em outros objetos? Meu amigo pode me responder que a cor do carro de bombeiros é vermelha pelo simples conhecimento comum de que os carros de bombeiros são vermelhos. O pintor brasileiro e pesquisador de

arte Israel Pedrosa em sua obra “Da Cor à Cor Inexistente”, que trata sobre a história da cor e defende a existência da “cor inexistente”, aborda também seus fenômenos sensíveis à visão humana:

O fenômeno da percepção da cor é bastante mais complexo que o da sensação. Se neste entram apenas os elementos físico (luz) e fisiológico (o olho), naquele entram, além dos elementos citados, os dados psicológicos que alteram substancialmente a qualidade do que se vê (PEDROSA, 2013, p.21).

Cada pessoa possui sua percepção de cor, em relação à cor-pigmento dos objetos (os pigmentos contidos em uma superfície que tem a capacidade seletora sobre as radiações luminosas que os atingem. Ex: uma superfície que vemos vermelha absorve todos os comprimentos de ondas e reflete a cor vermelha, por ser a única que ela não absorve) e à cor-luz (que nos é permitida ver de acordo com a luz que reflete em tal objeto). “O processo de sensibilização da retina pela luz é indiscutivelmente a base do fenômeno da visão” (PEDROSA, 2013, p.40), e a experiência fenomenológica de cada um faz com que essas impressões passem também sobre um elemento psicológico, alterando a sua qualidade. Isso ilustra bem a correlação estímulo e experiência, apresentada por Nagel: se pressupomos que as experiências de cor e sabor apresentam uma correlação com estímulos dos nossos órgãos dos sentidos, podemos até negar a ideia de que duas pessoas podem sentir sabores ou enxergar cores diferentes ao experienciar uma situação semelhante. Entretanto, o autor lembra que a única coisa a qual podemos observar é a correlação que acontece em nós mesmos. Sendo assim, as correlações de estímulo-experiência não serão necessariamente a mesma para todos. As experiências de cores, ou de sabores, podem apresentar, em uma experiência semelhante, ligeiras – ou em alguns casos extremas – variações para cada sujeito.

Nós somos fisicamente diferentes uns dos outros. Contudo, podemos dizer que as diferenças não são tão extremas assim, do contrário conseguiríamos percebê-las (NAGEL, 2011, p. 22). É o que acontece, por exemplo, quando comemos um sovete de chocolate; a reação não seria a mesma se fosse espremido um limão à boca, porque tenderíamos a uma ação automática de franzir a boca por

causa do azedo provocado pelo limão. Ou como sabemos que aquela dor que contrai a barriga é uma cólica? E se há sensações completamente diferentes de cólica, como saberemos, se cada um atribui o nome de cólica a sua dor? Para o filósofo da mente, isso pressupõe outra correlação: “a correlação entre a experiência interna e certos tipos de reações observáveis.” (NAGEL, 2011, p.22).

Nagel afirma que a insistência sobre esses tipos de perguntas nos levará de um “ceticismo brando e inofensivo”, da mesma forma que saber se sentimos o mesmo tipo de sabor ou não nos levará “para um ceticismo mais radical sobre se existe ou não alguma semelhança entre as suas experiências e as dele.” (2011, p. 22). E, finalmente, esse caminho poderá nos levar ao ceticismo mais extremo ainda, “o ceticismo quanto à existência de outras mentes.” (2011, p. 23).

### 3. SOLIPSISMO

O único exemplo da correlação entre mente, comportamento, anatomia e ocorrências físicas que você já observou diretamente é você mesmo. Mesmo que as outras pessoas e os animais não tivessem nem uma única experiência, nenhuma vida mental interior, mas fossem apenas máquinas biológicas sofisticadas, ainda assim teriam para você exatamente a mesma aparência. Então como sabe que eles não são assim? Como sabe que os seres à sua volta não são todos robôs destituídos de mente? Você jamais viu o interior da mente deles – nem poderia -, e o comportamento físico que apresentam poderia ser produzido por causas meramente físicas. Talvez seus parentes e vizinhos, seu gato e seu cachorro não tenham *nenhuma experiência interna*. E, se não têm, você não terá como saber (NAGEL, 2011, p.23).

Esse trecho destacado do livro “Uma Breve Introdução à Filosofia”, pode ser considerado um exemplo de um questionar que nos leve ao ceticismo radical. A falta de certeza sobre a correlação entre estímulos físicos e ações mentais pode-nos encaminhar ao ponto de descrer em outras consciências, em outros seres, e até mesmo em toda a sociedade à volta. O julgamento de que esses outros seres não são constituídos por experiências internas admite chegar à conclusão de que

apenas um ‘eu’ é possuidor de experiências internas, de consciência. Essa ideia de um ser único dotado de consciência é chamada de “solipsismo”.

Eric Matthews discute o solipsismo enxergando-o como uma teoria não muito forte, criticando e trazendo argumentos anti-solipsistas. Matthews traça uma origem solipsista no dualismo cartesiano. O primeiro princípio para se alcançar uma evidência no dualismo cartesiano é a dúvida hiperbólica. Duvida-se primeiramente dos sentidos, nada do que é percebido sensivelmente pode ser confiável, os sentidos nos enganam. Então, em uma análise sobre a existência de outras mentes, por meio dessa ideia dualista de Descartes, podemos dizer que, em tempo algum, teremos certeza do conteúdo mental do outro baseando-nos em seu comportamento. O dualismo pode nos trazer uma consequência séria. A partir do momento em que não se confia nos sentidos e se chega à certeza do *cogito*, uma vez que tenho consciência de que sou um ser pensante e de que não posso confiar que há relação entre atitudes físicas e o mental, como posso saber se outras pessoas possuem mente?

Um experimento de pensamento curioso acerca das qualidades mentais do outro é o argumento do zumbi, abordado por David Chalmers. Em um planeta idêntico à Terra existe o zumbi, um ser idêntico a um ser humano, que reage às coisas externas mesmo sem ter nenhum tipo de sensação. Ao ser agredido, por exemplo, pode reagir fisicamente como se estivesse sentindo dor, porém não a sente. Ele não é um ser consciente, que tem experiências mentais ou *qualia* (qualidades fenomenológicas das experiências mentais conscientes). Imaginar e adotar que o que acontece no exemplo do argumento zumbi ocorrem na própria Terra, a possibilidade de que esses humanos ao nosso redor sejam como autômatos programados a simular uma conduta semelhante à nossa, destituídos de intenção, de consciência e de desejo, leva-nos a afirmar “eu sou o único ser pensante”.

Um solipsista acredita que tudo o que acontece ao seu redor, todas as coisas que vê e sabe são frutos de uma ilusão, inclusive as outras pessoas e seus comportamentos aparentes de que também possuem consciências; todas elas existem somente na mente do solipsista. A famosa teoria do gênio maligno, de Descartes, pode ser outro exemplo dessa concepção de solipsismo: um gênio

maligno causa estímulos em seu cérebro, criando um mundo aparente dentro de sua mente. Tudo que sente e que percebe não passa de uma falsa realidade. Se alguém que lê este trabalho e assumir essa posição solipsista, pode ter a certeza de que tudo que foi escrito é uma ilusão, não existe autor, talvez não exista trabalho, qualquer existência agora se torna questionável.

Ainda que o solipsista não acredite nas outras mentes, é impossível ele afirmar isso de modo provável, já que não se pode, de forma alguma, acessar outra mente que não a própria. Pessoas, o tempo todo, dizem coisas como “meu pensamento”, “minha vontade” e “eu acho”, expressando uma subjetividade. Segundo Eric Matthews, a subjetividade é o ponto crucial sobre a mente. Ele dá o exemplo de quando alguém fala sobre o tempo, achando que choverá e outra pessoa diz que também acha que irá chover; o pensamento expresso é o mesmo, porém essa expressão é diferente por causa da colocação do pronome de primeira pessoa do singular “eu” ou do possessivo “meu”, não sendo apenas uma colocação linguística, mas uma exteriorização de um sujeito particular:

Não posso pensar seus pensamentos (no último sentido) e você não pode pensar os meus. Isto é, de certa forma, uma consequência da ‘espécime-reflexiva’ de palavras como ‘eu’ e ‘minha’, mas é um tanto enganador dizer isso. A espécime-reflexiva, enquanto tal reflete o fato de que meus pensamentos acontecem dentro de mim e os seus dentro de você, e que somos pessoas distintas (MATTHEWS, 2007, p.113).

23

Matthews acredita que o solipsismo é uma questão que não deveria ser levada a sério de forma filosófica. Segundo o professor, essa teoria deve ser analisada como uma possibilidade filosófica para poder compreendê-la e perceber o quão complicado é uma crença solipsista. Ela carrega um ceticismo extremo quanto à existência das outras mentes e não tem uma base que a sustente, criando assim um paradoxo, pois não posso conhecer o que se passa em outras cabeças e nem ter a certeza de que de fato exista outra consciência. Isso faz com que esse ‘eu’ não possa saber se o que ele acha que é uma consciência é de fato uma consciência, já que não é permitido a ele saber como são as mentes, então ele não saberá se é uma mente consciente. E se um amigo diz para você “sou solipsista e apenas minha mente existe, você é ilusão de minha imaginação”, essa é com certeza uma situação

angustiante, pois você não tem como se mostrar como ser consciente porque não há uma prova, além das demonstrações corpóreas de que se manifeste uma mente. “A consequência final de procurar ser um solipsista não é a conclusão de que possa existir apenas uma mente no universo, mas que não existe mente no universo, nem mesmo a minha” (MATTHEWS, 2007, p.115).

O isolamento é uma consequência que Eric Matthews mostra como resultado de um solipsismo. O autor diz que devemos atacar essa ideia de isolamento, seguindo a intuição que temos sobre a possibilidade da comunicação humana, por mais complexa que ela possa ser. Utilizando-se da fenomenologia de Merleau-Ponty, Matthews corrobora o argumento anti-solipsista “A única maneira em que eu poderia saber o que significa estar sozinho é saber o que significa *não* estar sozinho” (2007, p.115).

#### 4. O CARÁTER SUBJETIVO DAS EXPERIÊNCIAS

Como já destacado por Thomas Nagel, em seu livro introdutório aos problemas da filosofia, pensar no problema de outras mentes corre o risco de atingir um ceticismo radical quanto à própria existência das outras mentes. “Não se pode olhar dentro de uma árvore para dizer que ela não tem experiência da mesma forma que não se pode olhar dentro de um verme para dizer que ele não tem experiência.” (2011, p.26). Entretanto, Nagel usa desses exemplos que mostram a impossibilidade de analisar experiências internas por meio de observações das ações físicas externas, fugindo assim das teorias reducionistas.

No artigo “Como é ser um Morcego”, Nagel esboça o problema mente e corpo, criticando as visões reducionistas, no caso, o fisicalismo, que fundamenta a ideia de que os estados mentais se reduzem a estados físicos; é uma concepção bastante cientificista. Essa teoria física da mente é negada por não poder nos explicar as experiências subjetivas. Ainda que não tenhamos uma certeza sobre consciência em seres muito pequenos, insetos, micro-organismos ou animais unicelulares, Nagel defende que existe consciência em diversos seres da vida

animal, coisa da qual se tende pouco a crer, tanto no entendimento do senso comum quanto na ciência ou até mesmo na Filosofia. “Ela ocorre, sem dúvida, sob formas incontáveis, totalmente inimagináveis para nós, em outros planetas, em outros sistemas solares, pelo universo a fora.” (2005, p. 247). Uma experiência consciente de qualquer organismo significa que há nele uma forma de *ser*, ou seja, existe um modo de *ser* como ele. “[...] fundamentalmente, um organismo tem estados mentais conscientes se e somente se existe algo que é como ser esse organismo, algo que é como *ser* para o organismo.” (2005, p. 247). Nagel nomeia esse ‘*ser* algo’ de o caráter subjetivo da experiência.

Para nos auxiliar na compreensão do que seja essa experiência de *ser*, Nagel escolhe um animal que tem percepções sensoriais completamente diferentes das dos homens, mas que não estão tão longe dos humanos na árvore filogenética, para que não diminuamos a crença de que possa haver experiências naquele animal, e nos convida a imaginarmos como é ser um morcego. Propõe que acreditemos que o morcego tenha experiências, já que há um algo que é *ser* como o morcego e, por isso, pressupõe-se que ele tenha uma experiência. Sabemos que os morcegos se orientam por um sonar, emitindo ecos que possibilitam enxergar o mundo externo; os impulsos emitidos pelo eco permitem a discriminação da distância de objetos, podendo assim perceber onde está um alimento, quando deve se deslocar e até mesmo a textura dos objetos. Podemos obter uma gama de informações sobre as capacidades físicas dos morcegos, a partir de estudos biológicos. Aceitando o desafio de Nagel, nos imaginamos com a aparência de um morcego, temos asas, podemos nos pendurar de ponta cabeça e percebemos o mundo externo por um sonar, mais ou menos como o Demolidor – personagem de histórias em quadrinho – que após ser atingido por um tonel de um fluido radioativo fica cego, porém ganha capacidades como um sonar capaz de ver as coisas pelos ecos produzidos por outros objetos, outras pessoas ou provocados por ele mesmo.

Entretanto, tudo isso é uma imaginação um tanto quanto tosca e parcial, pois mesmo nos imaginando voando, capturando insetos ou frutas, dormindo pendurados de cabeça para baixo numa caverna, todas essas imaginações dependem de alguma experiência que temos sobre essas coisas e estaremos

imaginando a partir do que seríamos se fôssemos um morcego. A percepção sonar é talvez a mais distante dos humanos, pois a visão é o maior sentido que nos orienta diante das coisas externas, e o sonar não se assemelha a nenhum dos nossos sentidos. Voltamos ao problema da incapacidade de se saber o conteúdo mental de outro ser, mesmo experimentando uma mesma situação. Só seremos capazes de ter nossa própria experiência de tal coisa, e nunca experimentaremos como é ser outra pessoa, já que só é possível ter a própria experiência. “Nós não podemos formar nada além de uma concepção esquemática de como é ser um morcego” (NAGEL, 2005, p.250).

Não é só impossível tentar saber como é ser outro animal, mas é impossível saber como é ser outra pessoa, até mesmo alguém muito próximo do qual conheçamos há muito tempo e que até adivinhamos em alguns momentos suas ações. Podemos nos sentar e nos concentrar na vida daquela pessoa, imaginar suas experiências, nos visualizar no corpo dela; podemos até mesmo trocar um dia para vivenciar a sua rotina, vestindo suas roupas, indo ao seu trabalho, dormindo em seu quarto. Entretanto, mais uma vez, produziríamos o nosso conhecimento sobre ser esse outro alguém.

Se alguém tende a negar que possamos acreditar na existência de fatos como esses, cuja natureza exata não nos é sequer concebível, deveria refletir que ao contemplarmos os morcegos, nós estamos na mesma posição em que morcegos inteligentes ou marcianos estariam se eles tentassem formar uma concepção de como é ser como nós. A estrutura da mente deles poderia impossibilitá-los de ter sucesso, mas nós sabemos que eles estariam enganados se concluíssem que não há nada precisamente que é ser como nós [...]: que apenas certos tipos gerais de estados mentais poderiam ser atribuídos a nós (talvez a percepção e o apetite pudessem ser conceitos comuns a eles e a nós, talvez não) (NAGEL, 2005, p. 251).

Podemos considerar que esse exemplo tratado por Nagel nos oferece um argumento que enfraquece o ceticismo causado por uma inicial e ingênua problematização acerca da existência da vida mental de outros seres, pois, ao buscar compreender o que o morcego sente, percebemos o quanto essa tarefa é impenetrável a seu caráter subjetivo de experiência, o que não desqualifica a

existência de uma experiência subjetiva, pelo contrário, fortalece a crença no caráter subjetivo da experiências dos seres.

## 5. CONCLUSÃO

Quando iniciamos a problematização acerca do conhecimento das experiências mentais subjetivas, nos deparamos com a impossibilidade de seu conhecimento, pois, como abordado no desenvolvimento deste trabalho, vimos ser as tentativas de analisar a mente do outro por meio de observações de suas ações uma coisa impossível. Mesmo buscando passar por situações semelhantes, isso apenas admite uma ideia de como é para nós experienciar tal coisa, e nunca saber como foi a experiência do outro. Essas dúvidas nos vão induzindo a perguntar até mesmo se o outro realmente experimentou tal situação. Por exemplo, do sabor de sorvete que Thomas Nagel apresenta, podemos perguntar como é a sensação que o colega tem, fazendo uma comparação com a que tivemos e se ele realmente sentiu algo ao tomar o sorvete.

Nagel é contra a visão solipsista de que não podemos saber se existem outras mentes e acreditarmos que só existe a nossa própria mente. Para ele, é um argumento solitário e difícil de ter uma explicação que comprove uma ilusão de um mundo externo. Acreditar na comunicação humana, confiar que o outro sente dor no momento em que ele reage, perceber que há modos de *ser* – na medida em que nos permite o conceito de caráter subjetivo das experiências – todas essas crenças já intuitivas nos seres humanos fazem com que compreendamos os enunciados do outro, que entendamos em suas expressões exteriores, os sentimentos e os pensamentos. E tudo isso nos mostra que não faz sentido adotar uma posição solipsista e cética. Tanto o solipsismo quanto o ceticismo radical são dúvidas hiperbólicas que instauram um isolamento completo. Como dito por Eric Matthews, o solipsismo é algo inconcebível, já que a noção de se sentir sozinho só pode ser compreendida quando temos a experiência contrária e real de relações humanas.

## REFERÊNCIAS

- CHALMERS, D. J. *The Conscious Mind*. New York: Oxford University Press, 1996.
- DAVIDSON, Donald. *Subjetivo, intersubjetivo, objetivo*. Madrid: Cátedna, 2003.
- MATTHEWS, Eric. *Mente* (col. Conceitos chave em Filosofia). Artmed, 2007.
- NAGEL, Thomas. Como é ser um morcego?, in *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Trad. Paulo Abrantes e Juliana Orione. Vol. 15, p. 245-262, jan./jun. 2005.
- NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à filosofia*. 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 10º ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

